

# Sociólogo de sucesso, fazendeiro endividado

*FH planta soja e amarga um grande prejuízo*

JOSÉ PAULO TUPYNAMBÁ  
Enviado especial

BURITIS (MG) — Ao descansar semana passada em sua fazenda, o presidente Fernando Henrique acabou contando que a mistura de sociólogo com fazendeiro não deu muito certo. Segundo ele, a fazenda Córrego da Ponte, no extremo noroeste de Minas, já acumula dívidas que somam R\$ 60 mil. Por isso, o presidente pensa em deixar de plantar soja e milho e partir para a pecuária. Sua idéia é misturar o gado europeu Alberdin Angus com o indiano Nelore para obter uma raça mais resistente ao clima seco e ao cerrado, chamada Brangus.

— E por isso que digo que sou mulatinho — brincou o presidente semana passada, ao falar na nova raça.

A fazenda, de 9.100 hectares — uma das menores da região — é de propriedade da agropecuária Córrego da Ponte, que Fernando Henrique mantém em sociedade com o amigo e ministro Sérgio Motta.

Para os fazendeiros das redondezas, Fernando Henrique é o responsável pelos prejuízos que vem tendo. Está, segundo os vizinhos, sentindo no bolso as consequências da política agrícola que adotou como presidente.

— O preço mínimo do produto, garantido pelo Governo, não acompanhou o valor da TR — disse o agricultor Ivo Bettio, que plantou na última safra 180 hectares de soja e outros 80 de milho. Ele colheu 17 sacas



Fernando Henrique no curral da fazenda Córrego da Ponte, que tem em sociedade com Sérgio Motta

de seis quilos de soja por hectare e 78 sacas de milho. Na fazenda do presidente, a média foi um pouco melhor: 29 sacas por hectare de soja e 70 de milho, em 200 hectares cultivados, segundo empregados.

A cinco quilômetros da fazenda de Fernando Henrique e Mota, outro agricultor, o também gaúcho Celito Koch amargou prejuízo ainda maior. Com a plantação financiada pela empresa Clengore, ficou devendo em produto: já estão empenhadas na próxima safra 70 toneladas de soja.

Ele diz que não tem como melhorar a terra para fazer pastagem, embora os prejuízos

seguidos façam com que o gado passe a ser uma de suas principais fontes de renda. Dono de 60 vacas, ele vende mensalmente 1.500 litros de leite, que lhe rendem R\$ 262. Num bar que tem à beira da estrada, fatura mais R\$ 500 mensais, que ajudam a sustentar a mulher, dois filhos e um empregado.

Koch colheu 19 sacas de soja em cada um dos 200 hectares que plantou e 73 sacas de milho. Ele afirma que todos na região perderam a safra deste ano. A falta de chuva — não cai uma gota há um mês e meio — e pragas derrubaram os mais precavidos agriculto-

res.

A disposição do presidente de abandonar a agricultura para se dedicar à pecuária só não encontra respaldo nas declarações de seus empregados. Segundo eles, os patrões diminuíram o gado da fazenda de 400 para 300 cabeças para investir na qualidade da nova raça Brangus. E aumentou a área de plantio de soja de 200 para 300 hectares.

A Córrego da Ponte tem atualmente sete empregados: quatro fixos e dois diaristas, contratados recentemente para preparar a colheita. Todos os bois da nova raça trazem etiquetas nas orelhas.